

DE SALA EM SALA: um estudo sobre identidade e invisibilidade social de profissionais da área da limpeza.

Victor Fraguas Viana da Silva e Bruna Suruagy do Amaral Dantas (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O presente trabalho examinou o processo de construção da identidade e a experiência de invisibilidade social das trabalhadoras da área da limpeza. Participaram da pesquisa dezoito pessoas, de ambos os sexos, maiores de dezoito anos, que trabalham na área da limpeza de uma universidade da cidade de São Paulo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e tratados a partir da metodologia desenvolvida por Laurence Bardin (1977), a Análise de Conteúdo. O ofício na área da limpeza é multifacetado, pois pode ser vivenciado como uma grande oportunidade em um contexto de desemprego e, por isso, desperta forte gratidão, a depender do grau de vulnerabilidade da trabalhadora, ou pode ser considerado uma forma de exploração e submissão; ora visto como uma escolha pessoal equivocada ora encarado como uma possibilidade de ingresso no mercado de trabalho formal. A relação das trabalhadoras com os outros frequentadores do campus é breve e distante, em decorrência de estigmas relacionados à profissão ou de determinações institucionais. Nota-se que as mulheres têm percepções mais negativas em relação à área do que os homens. Por se tratar de um trabalho repetitivo, muitas vezes sacrificante e quase sempre desprovido de reconhecimento social e financeiro, as trabalhadoras vivenciam o fenômeno da invisibilidade social.

Palavras-chave: Invisibilidade Social. Identidade. Exclusão.

ABSTRACT

The work at issue has analyzed the construction of the identity process and the cleaner's invisibility. For this research, eighteen people have taken part, of both genres, at the legal age, who works in the cleaning area of universities around the city of São Paulo. Furthermore, the data were collected through semi-structured interviews and treated using the methodology developed by Laurence Bardin (1977), Content Analysis. According to that data, the profession in the cleaning area is multifaceted, as it can be experienced as a great opportunity in a context of unemployment and, therefore, it arouses strong gratitude, depending on the degree of vulnerability of the worker, or it can be considered a form of exploitation and submission; sometimes seen as a mistaken personal choice, sometimes seen as a possibility of entering the formal labor market. The relationship between the cleaning workers and the other campus frequenters is brief and unsympathetic as a result of stigmas related to the profession or the institutional determinations. Moreover, we noticed that women have more negative perceptions

about the cleaning area than the man. Since it is a repetitive, sometimes a sacrificing and almost always an unknown job, social and financially talking about, the cleaning workers live the social invisibility phenomenon.

Keywords: Social Invisibility. Identity. Exclusion.

1. INTRODUÇÃO

A invisibilidade social corresponde a um processo em que pessoas, sob determinadas condições, se encontram imperceptíveis na sociedade. Segundo Celeguim e Roesler (2009), conceitualmente, a invisibilidade social é um fenômeno que torna alguns indivíduos socialmente invisíveis em razão do preconceito, do estigma e da indiferença, e caracteriza-se como sintoma da crise de identidade nas relações intersubjetivas estabelecidas nas sociedades contemporâneas. A invisibilidade é construída social e historicamente, e se sustenta nos processos de subalternização, no racismo e no machismo da sociedade brasileira. Utilizando o aspecto socioeconômico como norteador de sua análise, as autoras argumentam que o estilo de vida neoliberal, materializado na “cultura do consumo”, faz com que as pessoas “sejam o que consomem”; logo, quem não possui condições financeiras para o consumo de bens materiais, não se encontra no grupo dos consumidores e conseqüentemente torna-se um “ser invisível mercadologicamente” (CELEGUIM; ROESLER, 2009, p.6) Desse modo, Celeguim e Roesler (2009), um dos fatores determinantes para o processo de invisibilidade social é o consumismo, isto é, padrões socialmente estabelecidos de consumo que sobrepõem as vontades individuais ao interesse público. O processo de invisibilidade social ainda se caracteriza pela falta de reconhecimento social, ou seja, aquilo que nos torna visíveis para a sociedade.

O fenômeno da invisibilidade está dialeticamente relacionado aos processos de exclusão social. Sawaia (2001) postula que, a despeito do sistema capitalista se mostrar inclusivo, essa inclusão é ilusória e nomeou esse ideal de inclusão como inclusão perversa, pois a sociedade do consumo inclui para excluir, ou seja, mantém as pessoas na dependência de uma série de mercadorias que não dizem respeito à sua própria vontade, levando-as a jamais alcançar a satisfação material, pois o mercado protela a gratificação decorrente do consumo e aperfeiçoa a noção de perfeição, lançando de tempos em tempos novos produtos, “melhores” que os anteriores. Segundo Sawaia (2001), a relação entre inclusão e exclusão é dialética e está relacionada ao sofrimento ético-político, uma espécie de sofrimento que resulta das agruras da vida cotidiana e de questões sociais como desigualdades, injustiças e formas de subalternização dominantes em cada período da história, mas sobretudo de vivências sociais nas quais o indivíduo é submetido, inferiorizado e tratado como alguém sem valor para a sociedade. Logo, conforme Sawaia (2001), a sociedade capitalista, que propaga a desigualdade social, é responsável pela produção dos silenciamentos e invisibilidades, que afetam a vida psicossocial desses indivíduos. A autora destaca a existência de um “determinismo social”, associado ao caráter indissociável da dialética exclusão/inclusão, que estabelece papéis sociais previamente definidos e imutáveis, desempenhados pelos indivíduos invisíveis na estrutura socioeconômica. Em outras palavras, pode-se afirmar que a

imposição de silenciamentos configura uma rede de subordinações e provoca no indivíduo o sentimento de invisibilidade, afetando a forma como se relaciona com os outros, condicionando seus afetos e acarretando o sofrimento ético-político.

De acordo com Costa (2004), a invisibilidade pública ocorre quando só se enxerga a função que uma pessoa exerce e não a pessoa em si; o autor acredita que esse processo decorre de uma percepção humana distorcida sobre a divisão social do trabalho. Em sua pesquisa, Costa (2004) conseguiu demonstrar a existência dessa invisibilidade, trabalhando como gari da Universidade de São Paulo, utilizando o uniforme de serviço e varrendo as ruas do campus universitário por 8 anos. Ele percebeu que enquanto realizava essa função, nenhum de seus colegas de classe e professores o reconhecia; todos passavam por ele e não o enxergavam; era como se ele fosse invisível em virtude do uniforme que vestia. Costa (2004) concluiu que a 'cegueira' e a rejeição geram nos garis sentimentos de humilhação e inferioridade, provocando neles um sofrimento psíquico muito elevado. Araújo e Silva (2018) afirmam que a invisibilidade está presente na vida e no trabalho dos garis, os quais reconhecem que são invisíveis na sociedade, pois afirmam que sua presença só é notada quando deixam de cumprir seu serviço, sendo vistos apenas como ferramentas. Para Araújo e Silva (2018), esses profissionais são invisíveis e sofrem com a redução de si mesmos aos instrumentos de trabalho, isto é, não se faz distinção entre "o que é caminhão, pá, lixo e gari" (p.5).

Inspirado pelo pensamento do antropólogo estadunidense Clifford Geertz, Morales (2013) propõe a seguinte reflexão: "Se a universidade é local de produção de conhecimento e de tomada de consciência das questões prioritárias de nossa época, por que não pensar no cotidiano daqueles que nela trabalham?" (p.3). A partir dessa reflexão, Morales (2013) examina a rotina de trabalho de duas profissionais da área de limpeza da referida universidade, em que situações como deixar papéis usados fora da cesta de lixo e não utilizar a descarga após o uso do sanitário representam ações que impõem desnecessariamente mais sofrimento ao trabalho. Morales (2013) postulou que existe uma prática de exploração não enunciada nessas instituições de ensino superior. Demonstra-se que a dicotomia natureza/cultura, que preside o pensamento moderno, permite situar essas trabalhadoras no campo da natureza, não lhes conferindo o status de plenamente humanas. De acordo com Morales (2013), tais atitudes dentro de uma universidade são legitimadas pela premissa de que a humanidade das faxineiras não se compara à humanidade de docentes e discentes. "Nelas, a animalidade atua com maior força e as torna muito mais próximas da natureza, para a qual não nos colocamos como partes integrantes, mas separados e diante dela" (p.9).

Na pesquisa de Gemma et al. (2017), as trabalhadoras da limpeza argumentaram que seu ofício é árduo, pois é exercido em pé e realizam esforços repetitivos; todavia, algumas

atividades específicas demandam ainda mais esforço, do ponto de vista físico, tais como, deslocar equipamentos e materiais, movimentar-se por longos percursos e transportar pesados sacos de lixo. As agentes da limpeza manifestaram um grande ressentimento pelo não reconhecimento de seu trabalho, visto que se sentem parte do processo de formação dos discentes, o que acrescenta uma grande preocupação com a qualidade da limpeza realizada. Outra queixa apontada foi quanto ao descaso dos usuários da faculdade, isto é, “o comportamento inadequado dos usuários piora a condição de trabalho por conta do lixo espalhado pelo chão, das marcas de pés nas paredes e da imundice dos banheiros.” (2017, p.7). Gemma et al. (2017) propõem uma reflexão sobre as instituições de ensino, uma vez que essas têm o objetivo de formar profissionais qualificados, pautados em valores éticos e humanísticos; entretanto, não oferecem condições dignas de trabalho para aqueles que prestam serviços e contribuem para um melhor funcionamento da instituição.

Alvarez e Azevedo (2016) constaram, a partir de entrevistas, que as trabalhadoras da limpeza de uma universidade caracterizaram seu ofício como árduo e corrido, pois devem higienizar trinta e cinco salas (de aula) antes do início das aulas (em ambos os turnos), os banheiros, ambientes administrativos e as áreas comuns. A maioria das entrevistadas também classificou esse trabalho como monótono, exaustivo, não criativo, pouco complexo/difícil e não variado. Alvarez e Azevedo (2016) apontam a existência de um resultado paradoxal, uma vez que as trabalhadoras responderam que seu trabalho é reconhecido pela sociedade, supervisores, colegas e usuários do serviço, não se consideram exploradas pelas empresas e estão satisfeitas e realizadas com os resultados obtidos. Entretanto, apesar desses sentimentos positivos, manifestaram que elas não gostariam que seus filhos realizassem esse ofício, caso demonstrassem interesse.

Martins (2016) analisou as percepções e vivências de funcionárias da área da limpeza de uma universidade federal a respeito de seu trabalho. Na relação dessas profissionais com os alunos, o contato ocorre superficialmente e gera um sentimento de desprezo e diminuição, uma vez que muitas vezes a presença dessas profissionais é ignorada ou não percebida. No tocante ao relacionamento com os docentes, as colaboradoras sentem-se mais reconhecidas; entretanto, alguns não cumprimentam, agradecem ou valorizam seu ofício. Contudo, o relacionamento que mais desagrada essas trabalhadoras é com os técnicos administrativos, pois eles por desempenhar funções mais instrumentais, sentem-se no direito de supervisioná-las e lhes cobrar mais empenho na realização de suas funções. Conforme Martins (2016), o sofrimento social (invisibilidade, vergonha e humilhação) vivenciado por categorias desvalorizadas não é visível, pois ocorre no interior da subjetividade e geralmente não é compartilhado coletivamente. As pessoas que trabalham na área da limpeza, por ter como

função “limpar os restos dos outros”, passam por uma experiência de invisibilidade, encontrando-se à margem daquele ambiente.

Como conclui Martins (2016), existe uma relação inversamente proporcional entre a limpeza do ambiente e a profissional da área da limpeza, ou seja, a limpeza de um ambiente é socialmente almejada e notada; todavia, as pessoas que realizam esse trabalho são imperceptíveis, sendo notadas apenas quando se faz necessária outra higienização do espaço ou de algum objeto. Martins (2016) sinaliza que “o trabalho é significativo, mas o trabalhador não.” (p.10). É notado no caso das trabalhadoras da limpeza que características do lixo, oriundas do senso comum (tais como a imundice, o que é dispensável, o que desvaloriza um local, contaminado e mal cheiroso etc.) são transferidas como adjetivo para as pessoas que exercem essa função. De acordo com a autora, em virtude de ser uma atividade comumente associado ao trabalho doméstico, verificou-se que essa função é predominantemente exercida por mulheres, em média 80% (CHILLIDA e COCCO, 2004; ANDRADE e MONTEIRO, 2007; SZNELWAR et al., 2004). Por se tratar de uma ocupação laboral exercida predominantemente por mulheres, é importante uma reflexão sobre trabalho e gênero.

Diogo e Maheirie (2007) apontam que a mão-de-obra feminina se encontra em desvantagem em relação à masculina, pois “ainda se observa acentuada desigualdade salarial entre os sexos, segregação ocupacional, desvalorização cultural, dupla jornada de trabalho, discriminações quanto aos direitos sociais, discriminações horizontais e verticais no mercado de trabalho” (2007, p.560). Por consequência desse cenário temos taxas de desemprego proporcionalmente maiores entre o sexo feminino e o aumento de mulheres trabalhando em condições precárias. Segundo Gemma et al. (2017), aos homens ainda existe a possibilidade de recusar certas ocupações laborais; entretanto, para as mulheres essa possibilidade é muito reduzida. As autoras afirmam que no contexto latino-americano ocorre uma segmentação entre homens trabalhando, majoritariamente, no setor “formal” e mulheres no setor “informal” da economia.

De acordo com Gemma et al. (2017), a partir da psicodinâmica do trabalho, define-se trabalho árduo como ocupação com expectativas altas e poder de tomada de decisão reduzido. Logo, em geral, os empregos das mulheres necessitam de mais esforços dos que os homens, pois “estes esforços provêm, sobretudo, de uma falta de latitude decisional. Ou seja, as mulheres têm menos autonomia no trabalho do que os homens” (2017, p.3). Junto a essas condições soma-se o trabalho doméstico e a educação dos filhos, isto é, atividades socialmente classificadas como “não trabalho” e pertencentes à condição feminina, que proporciona elevado desgaste físico e mental, demandando grande carga horária, o que implica em jornada dupla para a maioria das mulheres. Gemma et al (2017) postulam que as

mulheres que trabalham na limpeza continuam inseridas na lógica da divisão sexual do trabalho, uma vez que, mesmo sendo uma ocupação remunerada, ainda é influenciada por determinantes sociais que a aproximam mais do trabalho doméstico do que dos trabalhadores assalariados em geral.

O presente trabalho definiu, como objetivo geral, investigar o processo de construção da identidade e a experiência de invisibilidade das(os) trabalhadoras(es) da área da limpeza. Os objetivos específicos consistem em verificar se gênero e etnia são aspectos que afetam a construção identitária e a experiência de invisibilidade dessas(es) profissionais; constatar se a relação com os universitários influencia no sentimento de invisibilidade social e examinar se o preconceito e o estigma das profissões relacionadas à limpeza impactam na identidade dos profissionais da área. Tendo em vista a escassez de produção científica sobre o tema em questão, acreditamos que a pesquisa aqui apresentada pode contribuir com a redução do sofrimento psicossocial de profissionais da limpeza e a diminuição de estigmas e preconceitos sobre essa profissão. Cabe salientar que a escolha de tal temática se deve, em parte, à biografia do pesquisador, cuja mãe trabalhou na área da limpeza por treze anos e lhe relatou diversas experiências de invisibilidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A identidade, termo proveniente do latim *identitas*, é objeto de estudo das ciências humanas há centenas de anos, mas especificamente na sociologia e na psicologia o entendimento desse conceito se apresenta de forma ampla e diversificada. Hall (2006) afirma que historicamente a concepção de identidade se alterou três vezes. Na primeira concepção, a noção de sujeito do iluminismo se baseava na ideia de um “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação” (p.10), ou seja, uma identidade “individualista”, pois acreditava-se que ela era fixa, autônoma e autossuficiente. Já o sujeito sociológico, para Hall (2006), fruto da crescente complexidade do mundo moderno, não era mais visto como autônomo e autossuficiente, mas como alguém que depende da trama de relações afetivas e das mediações culturais para apropriar-se dos símbolos, signos, sentidos e valores da cultura, ou seja, essa é uma concepção “interativa” da identidade, pois ela se constitui na interação do eu com a sociedade.

Entretanto, conforme Hall (2006), a concepção mais atual de identidade refere-se ao sujeito pós-moderno; nesse caso, a identidade apresenta-se descentrada, isto é, deslocada ou fragmentada, definindo-se historicamente, e não biologicamente. O indivíduo apropria-se de diferentes identidades em momentos distintos, identidades que não são consolidadas acerca de um “eu” coerente.

Após essa reflexão, Hall (2006) apresenta o conceito de identidades culturais, salientando que importantes aspectos da identidade surgem do pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. Em sua concepção, as condições atuais da sociedade estão dividindo os horizontes culturais de gênero, etnia, classe, sexualidade, raça e nacionalidade que, anteriormente, nos forneciam sólidas posições como indivíduos sociais. Resultantes destas transformações, as identidades pessoais vão se alterando, distanciando-se da ideia de sujeito integrado que temos de nós próprios: “Esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (p. 9).

Conforme Ciampa (2007), a identidade corresponde a uma resposta específica do indivíduo em cada momento da vida, não sendo, portanto, um fenômeno atemporal e fixo ou algo que já está pronto, mas algo em constante processo de construção. “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (CIAMPA, 1984, p.74). De acordo com Ciampa (2007), a identidade possibilita o reconhecimento de si pelo próprio indivíduo e pelos demais sujeitos sociais; trata-se de uma confirmação de que ele é quem pensa ser. A identidade não é monolítica, mas plural. Cada um de nós possui várias identidades que são vivenciadas separadamente, em diferentes momentos. No entanto, a pessoa é uma totalidade que integra as múltiplas partes de si; nas situações públicas, porém, ocorre a manifestação de apenas uma parte da unidade. Logo, segundo Ciampa (1984), é importante considerar que, embora cada sujeito possua diversas marcas identitárias em constante metamorfose, a sua identidade é “uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto uma” (CIAMPA, 1984, p.61).

Claude Dubar (2005) postula que a “identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura” (p. 135), isto é, a construção da identidade é resultado de permanentes e simultâneas socializações, sendo um processo dinâmico e relacional (ao mesmo, tempo individual e coletivo). Para o autor, não faz sentido uma concepção de identidade pessoal ou identidade coletiva, e sim uma identidade social; em outras palavras, uma identidade socialmente reconhecida.

Castells (1996), a partir dos pressupostos da sociedade em rede, define identidade como um processo de elaboração de significados suportados por um conjunto de características culturais correlacionadas. O autor aponta a importância de distinguir os conceitos: identidade e papéis; uma vez que, os papéis (ex: mãe, pai, trabalhador, religioso, atleta, etc) são estabelecidos pelas instituições e organizações que regem a sociedade; identidades, por sua vez, se constituem como fonte de significados subjetivos, resultantes do processo de individuação. Embora as identidades também possam ser constituídas a partir

das instituições dominantes, o caráter identitário só é assumido quando e se os indivíduos atribuírem um significado após a internalização.

Segundo Castells (1996), as construções identitárias têm como matéria prima a biologia, história, geografia, as instituições produtivas e reprodutivas, os aparatos de poder, a religiosidade, entre outros. Contextualizando-se a partir de diversas relações de poder, o autor desenvolve três possíveis origens de construção da identidade: Identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto. A identidade legitimadora representa as normas sociais hegemônicas de determinado período, sendo propagada pelas instituições dominantes com o objetivo de aumentar e racionalizar sua dominação sobre os indivíduos. Já a identidade de resistência é vivenciada por indivíduos fora dos padrões de dominação, que constroem “trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes [ou até opostos] do que permeiam as instituições da sociedade” (1996, p.24). E por fim, a identidade de projeto que ocorre em grupos sociais nos quais os indivíduos buscam uma nova identidade capaz de alterar sua posição frente à sociedade e, conseqüentemente, uma transformação nas estruturas sociais.

De acordo com Castells (1996), a identidade legitimadora estimula a construção de uma sociedade civil, isto é, um grupo de instituições, organizações e conjuntos de indivíduos estruturados, que conscientemente ou não, fazem a manutenção do sistema de dominação estrutural. A identidade de resistência possibilita a formação de comunidades, ou seja, ela é a gênese das formas de resistências coletivas frente a opressões estruturais que, do contrário, não seriam suportáveis, geralmente com base na identidade legitimadora. Já a identidade de projeto cria sujeitos, uma vez que esses vivenciam o significado holístico de suas ações como “atores sociais coletivos” (1996, p.26), logo essa construção de identidade visa um novo modelo de vida, partindo-se de uma identidade oprimida ou não, objetivando-se uma transformação social como consequência dessa identidade de projeto.

3. METODOLOGIA

No presente trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa que, segundo Goldenberg (2004), se propõe a analisar minuciosamente crenças, sentimentos, opiniões particulares e valores, isto é, variáveis que não podem ser mensuradas, mas que são de extrema importância na realização de uma pesquisa na área social. Os pesquisadores que utilizam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto positivista, que presume um único modelo metodológico para todas as ciências, seguindo os parâmetros dos estudos das ciências da natureza. Goldenberg (2004) afirma que a interpretação dos dados qualitativos possibilita a compreensão das pessoas em sua individualidade e subjetividade. Logo, os dados coletados

por pesquisas qualitativas não são padronizáveis e exigem do pesquisador “flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los” (p.53).

De acordo com Ray (2005), os objetos de estudo das ciências humanas e sociais, abordados nas pesquisas qualitativas, possuem natureza diferenciada, pois trata-se de sujeitos que dispõem de individualidades, motivações, intencionalidades e posicionamentos particulares. O estudo dos indivíduos não pode, portanto, desconsiderar essas características. Os indivíduos são interativos e “os processos que caracterizam suas relações se constituem em sua expressão subjetiva; isto é, não se podem isolar suas características psicológicas do contexto em que se manifestam” (RAY, 2005, p. 70).

Participantes

Participaram deste trabalho dezoito pessoas, das quais doze são mulheres (83,25% se autodeclararam negras ou pardas) e seis são homens (83,3% se declaram negros ou pardos), maiores de dezoito anos, alfabetizadas, com no mínimo ensino fundamental completo, que trabalham na área da limpeza de uma universidade privada da cidade de São Paulo. Por as mulheres representarem a maioria das profissionais atuantes na área, utilizamos nesta pesquisa o gênero feminino quando nos referimos aos trabalhadores e às trabalhadoras que participaram.

Instrumentos

O estudo aqui apresentado adotou como instrumento metodológico a entrevista semiestruturada, que conta com a utilização de um roteiro constituído de perguntas abertas, possibilitando ao colaborador discorrer sobre o tema proposto, com relativa liberdade. Apesar do roteiro, a entrevista favorece a espontaneidade do encontro, criando um clima de conversa informal. De acordo com Manzini (2012), esse instrumento é indicado em estudos com populações específicas e exige do pesquisador flexibilidade na sequência de apresentação das questões e capacidade de formular perguntas complementares, que não integram o roteiro de entrevista, com vistas a entender melhor o fenômeno a ser analisado pela pesquisa. Boni e Quaresma (2005) pontuam que comumente esse instrumento é utilizado para delimitar a quantidade de informações e, desse modo, assegurar um maior direcionamento do tema. Para Duarte (2004), a utilização da entrevista semiestruturada é imprescindível quando se pretende “mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.” (p. 215)

As entrevistas semiestruturadas apresentam vantagens, segundo Goldenberg (2004), pois propicia uma maior flexibilidade na busca das informações almejadas, um maior aprofundamento das temáticas abordadas e uma relação de confiança entre o pesquisador e

o colaborador, o que auxilia no advento de outros dados importantes para a pesquisa. Acrescenta-se que normalmente as pessoas demonstram maior paciência e motivação para falar do que para escrever (e algumas pessoas não sabem escrever). Entretanto, Goldenberg (2004) destaca como desvantagem desse instrumento a dependência do pesquisador em relação ao colaborador, isto é, “se quer ou não falar, que tipo de informação deseja dar e o que quer ocultar” (p.89). Logo, o pesquisador afeta o colaborador, e desse modo, quer queira, quer não, interfere na construção dos discursos e na produção dos dados.

Na presente pesquisa, em um primeiro momento, foi elaborado um roteiro de entrevista provisório, com base no levantamento bibliográfico e nos objetivos que direcionam o trabalho. Posteriormente, o roteiro foi testado e avaliado em duas entrevistas-piloto, que resultaram em algumas alterações, com objetivo de torná-lo mais adequado para as participantes.

Procedimentos

A fim de garantir a realização do trabalho de campo, o pesquisador contatou o setor da universidade responsável pela área da limpeza, apresentou o projeto da pesquisa, solicitou a autorização para iniciar as entrevistas com as funcionárias em questão e entregou o Termo de Anuência para que fosse voluntariamente assinado. Cabe salientar que a instituição terá sua identidade preservada, mantida em sigilo. A presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), possuindo o seguinte número de parecer: 4.655.418. Após expressa autorização institucional e aprovação do CEP, agendamos as entrevistas com as participantes por intermédio dos representantes da empresa responsável pela limpeza. As entrevistas foram presenciais, seguindo todas as medidas sanitárias estabelecidas pela Secretaria Municipal de Saúde da cidade de São Paulo, tais como o distanciamento mínimo de um metro e meio entre o pesquisador e o participante, o uso ininterrupto de máscaras e proteção facial, assim como a higienização constante das mãos com álcool em gel. Os itens necessários para que as entrevistas ocorressem com segurança foram disponibilizados pelo pesquisador. As entrevistas ocorreram em uma sala de aula previamente reservada.

Antes do início da entrevista, foi apresentado para as colaboradoras o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), definido por Schnaider (2008) como um “documento integrante do protocolo, elaborado pelo pesquisador em linguagem acessível à compreensão dos [participantes].” (p. 109), o qual deve conter “todos os possíveis benefícios, riscos e procedimentos que serão realizados, assim como fornecidas todas as informações pertinentes à pesquisa” (p.109) para que o colaborador tenha condições de fazer uma escolha livre, decidindo de forma voluntária e espontânea participar do estudo. As entrevistas começaram somente após a assinatura do TCLE; nenhuma das participantes apresentou

dificuldade para fazer a leitura do TCLE, uma vez que possuem o ensino fundamental completo. Foi utilizado um gravador durante as entrevistas, mediante expressa autorização das colaboradoras. Quando não houve consentimento, o pesquisador realizou anotações em um caderno de campo.

Assegurou-se o sigilo de todos os dados pessoais para que a identidade das participantes fosse preservada. Os dados coletados estão disponíveis às colaboradoras de modo que elas podem acessá-los assim que solicitar. Também lhes foi permitido interromper a entrevista a qualquer momento, e nesse caso, todas as informações fornecidas seriam descartadas.

Considerações Éticas

Os benefícios da presente pesquisa consistem na produção de conhecimento científico sobre um tema pouco explorado, academicamente invisível, o que possibilitará uma reflexão crítica a respeito das condições de trabalho das(os) profissionais da área de limpeza, criando formas de visibilidade e, desse modo, amenizando o sofrimento dessas(es) trabalhadoras(es).

Os riscos do trabalho aqui apresentado são mínimos e pretende-se reduzi-los ainda mais com a utilização de um roteiro de entrevista que evite perguntas constrangedoras e invasivas, que eventualmente explorem o sofrimento dessas pessoas. Caso seja necessário, as (os) participantes terão assistência permanente durante a pesquisa, ou mesmo após o término ou a interrupção da participação. Se ocorrer qualquer problema ou dano pessoal decorrente dos procedimentos metodológicos (como: cansaço, angústia, irritação, lembrança de algum evento desagradável ou qualquer sofrimento psíquico, riscos que não são superiores àqueles que ocorreriam em uma conversa cotidiana sobre o assunto), serão garantidos aos participantes o direito a tratamento gratuito na instituição (serviço-escola de psicologia) e o direito à indenização, determinado por lei. Fica sob a responsabilidade do pesquisador prestar a devida assistência a qualquer ocorrência de desconforto oriunda da participação na pesquisa.

Metodologia de Análise dos Dados

A fim de tratar e interpretar os dados, o presente estudo adotou como metodologia a Análise de Conteúdo, desenvolvida por Laurence Bardin (1977), que consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos aplicados a todas as formas de comunicação, independentemente de sua natureza, se caracteriza por uma interpretação controlada e tem como intuito alcançar indicadores (qualitativos ou quantitativos) que possibilitem inferências sobre os dados coletados pela pesquisa. A análise de conteúdo é organizada em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

A pré-análise corresponde ao primeiro contato do pesquisador com o conteúdo a ser analisado; envolve a leitura “flutuante”, a formulação de hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material. Se o conteúdo for retirado de entrevistas, elas deverão ser transcritas e constituirão o corpus da pesquisa (conjunto de documentos que serão analisados). Segundo Bardin (1977), o cumprimento da primeira fase está condicionado às seguintes regras: exaustividade (deve abranger totalmente o assunto a ser analisado); representatividade (as amostras devem representar todo o universo a ser investigado); homogeneidade (todos os dados foram coletados a partir de um mesmo instrumento e se referem ao mesmo tema); pertinência (os documentos estão de acordo com os objetivos da pesquisa) e exclusividade (um elemento não pode conter duas categorias).

A fase de exploração do material concerne à codificação e categorização do corpus da pesquisa. A codificação utiliza-se dos procedimentos de recorte, agregação e enumeração. No recorte, as unidades de análise serão escolhidas a partir dos temas abordados com frequência no corpus; a agregação classifica os recortes em categorias distintas, de acordo com sua natureza; e por fim, as regras de enumeração, que dizem respeito aos modos como as unidades serão contadas. Essa regra é particularmente importante, pois distingue uma análise de conteúdo quantitativa, que contabiliza as frequências, de uma análise de conteúdo qualitativa, que enumera as presenças/ausências.

A categorização é o agrupamento das unidades de análise com caracteres comuns em classes abrangentes nomeadas genericamente. Esse processo é composto pelo inventário, em que as unidades de análise são isoladas, e pela classificação delas, estabelecendo uma organização a partir de alguns critérios. Os critérios de categorização podem ser: semânticos (temas), sintáticos (verbos e adjetivos), léxicos (agrupar as palavras a partir do seu sentido) e expressivos (classificação das perturbações da linguagem). De acordo com Bardin (1977), categorias adequadas apresentam: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, produtividade, objetividade e finalidade. Nesse trabalho, foram elaboradas as seguintes categorias: “Eu não estudei, não tive oportunidade”; (In)satisfação com o trabalho; “Alguns te cumprimentam e outros fingem que você não existe”; Gratidão; ‘Um vazio né?’; “Às vezes, as pessoas não dão valor para a gente” e “É um serviço digno, mas...”.

Na terceira e última etapa, o tratamento dos resultados inclui a inferência e a interpretação. A inferência é um instrumento para se investigar as causas a partir dos efeitos. Após essa etapa, ocorre a interpretação de conceitos e proposições que requer o retorno ao referencial teórico a fim de embasar as análises, dando sentido à interpretação. Portanto, as

interpretações pautadas em inferências procuram o que se esconde por trás dos significados das palavras que constituem o discurso.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

O trabalho de campo foi atravessado por um evento de proporções internacionais, a pandemia de Covid-19. As entrevistas ocorreram no mês de maio de 2021, terceiro mês com mais mortes registradas até o momento no Brasil, somente neste período 59.010 pessoas perderam suas vidas em decorrência da Covid-19; atualmente, lamentavelmente, passamos de 585 mil mortos e mais de 20 milhões de pessoas infectadas. A adoção de medidas sanitárias para combater a pandemia alterou a rotina das pessoas, de modo geral, e especificamente daqueles que frequentam as universidades, tanto alunos quanto professores e prestadores de serviços. As aulas passaram a ser realizadas de forma remota; logo, professores e alunos deixaram de frequentar o campus, agora só ocupado por prestadores de serviços administrativos e operacionais.

Essa mudança abrupta na dinâmica da universidade apareceu com muita frequência nos relatos das participantes. Seu ofício, antes extremamente corrido e desgastante, atualmente, é vivenciado como monótono e repetitivo, o que podemos observar no relato de Fabiola (50 anos, 21/05/21): “Tipo a gente limpa aquele setor, aí no outro dia limpa de novo, vou confessar, está fazendo falta os alunos, antigamente quando estava muito cheio, eu falava: ‘Nossa, esses alunos fazem muita bagunça!’ [sic]”

A relação com as pessoas que frequentam a instituição apareceu de modo recorrente nos depoimentos, com ênfase na relação com professores e alunos, que na maioria dos casos é retratada como breve e distante, conforme se verifica na seguinte frase: “Alguns te cumprimentam e outros fingem que você não existe. [sic]” (Mara, 41 anos, 28/05/21). As trabalhadoras recebem uma orientação institucional de evitar o contato com outros grupos e o seu descumprimento pode ocasionar em repreensões. Nota-se fortemente que o ato de cumprimentar caracteriza a interação entre as colaboradoras da limpeza e os outros grupos que frequentam a instituição, assim como a ação de não ser cumprimentada (ou a falta de reciprocidade no cumprimento) alimenta o sentimento de invisibilidade. O participante Vinicius relatou sobre a interação com outros frequentadores do campus:

Sim, aqui é mais corrido, não pode ter contato com alunos, tem que evitar os alunos. Aqui é muito corrido, você está fazendo uma sala, aí você é chamado para fazer uma coisa lá do outro lado. Os professores tratam muito bem a gente, tem professor que dá até café para a gente, mas não pode, às vezes a gente aceita, mas a orientação que passam é para a gente não aceitar e se afastar, mas os professores tratam bem a gente. Os alunos...tem alunos que ficam desfazendo da gente, mas tem aluno que é muito bom e que é muito simpático, que vem conversar com a gente, por mais que não possa. [Orientação da empresa?] Tem, com professores, com aluno, com

seguranças. A gente já é orientado a não se misturar. Nossa função é trabalho. [sic] (Vinicius, 43 anos, 13/05/21)

No trecho acima, Vinicius afirma: “Nossa função é trabalho.”; isto é, as funcionárias devem realizar só e somente sua função, evitando ao máximo interagir com as outras pessoas e buscando ser o mais imperceptível possível. Elas vivenciam seu trabalho como ferramentas ou máquinas, com o objetivo de higienizar o ambiente e nada além disso. Cabe questionar por que uma trabalhadora que realiza seu ofício em um ambiente que possui intensa circulação indivíduos, deve evitar ao máximo interagir com alguém. Existem outras profissões que recebem alguma orientação similar?

Martins (2016) salienta a existência de uma relação inversamente proporcional entre a limpeza do ambiente e a profissional da área da limpeza, isto é, a higienização de determinado local é socialmente almejada e notada; todavia, as pessoas que realizam esse trabalho são invisíveis, quase como se a limpeza já fosse algo do ambiente e não necessitasse de um indivíduo para realizá-la. Porém, quando há a necessidade de outra higienização do espaço ou de algum objeto, as profissionais são notadas e solicitadas. Segundo Martins (2016), “o trabalho é significativo, mas o trabalhador não.” (p.10). A experiência de invisibilidade é reforçada pela falta de reconhecimento do trabalho realizado na área da limpeza. É consenso entre as participantes que o ofício por elas exercido é de extrema importância (e no contexto atual, se tornou ainda mais relevante); entretanto, a pessoa que realiza essa função não é reconhecida, tanto socialmente quanto financeiramente. Em seu relato, Josefa abordou esse sentimento:

Porque é um serviço ingrato, a gente não é reconhecido pelo que a gente faz, existe muito preconceito, muita discriminação, por mais que a gente faça, nunca está bom, e na hora do reconhecimento, a gente não tem, é um serviço ingrato, porque todo dia tem muita coisa para fazer. Acho que o serviço da limpeza é o mais importante que tem e o menos reconhecido, o mais desprezado. Eu acho que a gente deveria ter um salário melhor, acho que deveríamos ser reconhecidos, com mais benefícios, mais segurança, porque trabalhar com limpeza a gente tem que ter muito cuidado, porque a gente está correndo risco a todo minuto, a gente mexe com muitos produtos, trabalhamos em ambientes que têm escada, a gente trabalha com coisas pesadas, carregamos lixos pesados, trabalhamos com lixo, então a gente deveria ter mais segurança para a gente e para nossa vida. E a gente não tem, eu acho que deveriam olhar mais pra gente e cuidar mais dessa profissão. [sic] (Josefa, 36 anos, 13/05/21)

Nos relatos, apareceram alguns estigmas, ou seja, características negativas que o senso comum associou a esse ofício, como podemos verificar em: “(...) não é porque sou da limpeza que vou andar mal arrumada, vou andar suja, não...” (Fabiola, 50 anos, 21/05/21). No caso das pessoas que trabalham na área da limpeza, esses estigmas reforçam o sentimento de invisibilidade e crescem sofrimento à realização do trabalho. A participante Elaine, que trabalha na área da limpeza há 12 anos, afirmou: “É um serviço digno, mas não é um serviço assim que você fala que é uma profissão.” (Elaine, 43 anos, 13/05/21)

Um ponto marcante nas entrevistas foi a contradição entre as perspectivas positivas e negativas, uma vez que um grupo de participantes classificou seu trabalho como extremamente sacrificante [Olha, a dificuldade é desgaste físico, a gente passa muito tempo em pé e a gente não pode sentar, senão a gente é punido... {sic} (Josefa, 36 anos, 13/05/21)], repetitivo, pouco reconhecido, mal remunerado, às vezes algo impositivo [“(...)hoje estou na limpeza porque foi o que eu achei, não vou mentir pra você, a gente que está na limpeza... a gente sonha em estar em uma coisa melhor... {sic} (Fabiola, 50 anos, 21/05/21)]. Em outros momentos, é visto como uma escolha equivocada [Olha, se eu tivesse tido oportunidade, se eu tivesse tido sabedoria antes, ouvido minha mãe assim, não era uma área que eu escolheria para trabalhar... {sic} (Josefa, 36 anos, 13/05/21)]. Entretanto, outro grupo considera que seu trabalho não possui nenhuma dificuldade, que não alteraria nada em sua atividade diária (pensando em facilitá-la) e que o salário é suficiente para suas necessidades. [(...) não é um trabalho cansativo, nem exige assim forçar da gente (...) Dificuldades assim, acho que não tem tanta não, eu gosto do que eu faço, eu faço porque gosto, então dificuldade não tem... {sic} (Renato, 34 anos, 05/05/21)]

É importante salientar que a área da limpeza engloba diversas funções, tais como varredores, agentes insalubres (encarregados de higienizar os banheiros), agentes de limpeza (separaram-se entre as que higienizam as salas de aulas e as praças de alimentação) etc. Cada uma dessas funções tem suas particularidades, dinâmicas e remuneração (as colaboradoras que fazem a higienização dos banheiros recebem um valor adicional por insalubridade). Contudo, nota-se uma discrepância entre as percepções dos homens que trabalham na área da limpeza, que tendem a assumir uma conotação positiva, e a das mulheres, que adotam uma perspectiva negativa. Das dezoito pessoas que participaram da pesquisa, doze são mulheres e seis são homens; de acordo com Martins (2016), em decorrência de ser uma atividade ainda extremamente associada ao trabalho doméstico, verificou-se que essa função é predominantemente exercida por mulheres, dado constatado na pesquisa aqui apresentada. Os homens caracterizaram o trabalho na área da limpeza como satisfatório, e a maioria dos relatos o considera uma oportunidade. Tendo em vista que alguns estavam desempregados ou em empregos informais, o trabalho é visto por eles como “uma missão, e eu me sinto realizado, com a missão cumprida quando eu termino o trabalho. [sic]” (Renato, 34 anos, 05/05/21).

Quanto às mulheres, não se observou um consenso, mas uma parcela considerável apresenta a seguinte ponderação em relação ao trabalho: “eu não vou dizer que é uma coisa boa, mas no momento que a gente está precisando é o que tem. [sic]” (Cleide, 34 anos, 26/05/21), ou seja, o trabalho na limpeza foi o que “sobrou”, seja pela baixa escolaridade ou pela necessidade, ou por ambas, como na maioria dos casos. Conforme Gemma et al. (2017),

aos homens ainda existe a possibilidade de recusar certos ofícios; no entanto, para as mulheres, essa possibilidade é muito reduzida. As mulheres que trabalham na limpeza continuam inseridas na lógica da divisão sexual do trabalho, isto é, mesmo sendo uma atividade remunerada, ainda é influenciada por determinantes sociais que a aproximam mais do trabalho doméstico do que dos trabalhadores assalariados em geral, o que em muitos casos gera uma dupla jornada de trabalho, como se evidencia no relato de Lucia (39 anos, 26/05/21): “(...) eu sei que eu poderia estar em um emprego melhor, mas eu gosto de trabalhar na limpeza, tanto é que quando eu saio daqui, chego em casa e já vou limpar de novo. Então, minha vida é limpeza. [sic]”

E por fim, outro tema muito explorado pelos participantes foi a gratidão por estar empregado formalmente, o que possibilita uma maior estabilidade. Os relatos sobre gratidão estavam, em sua maioria, associados à alta do desemprego e à informalidade. De acordo com IBGE (2021, p.4), a partir dos dados da PNADC-2021 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Continuada), o Brasil possui no primeiro semestre de 2021 uma taxa de desemprego de, aproximadamente, 14,7%, isto é, 14,8 milhões de pessoas estão fora do mercado de trabalho. Conforme Leite (2020), o mercado de trabalho brasileiro é caracterizado por baixos salários; aproximadamente um terço da população empregada recebe até um salário mínimo e metade dos trabalhadores realizam atividades informais. Esses aspectos estão presentes nos relatos abaixo:

Para mim é bom, está sendo muito bom, e se não fosse a limpeza né? Paga meu sustento, paga minha prestaçãozinha. Eu sobrevivo da limpeza. Só sou grato, três anos atrás eu era morador de rua e aqui me deu oportunidade, é de onde eu tiro meu sustento, pago minha pensão, hoje eu vivo né. [sic] (Vinicius, 43 anos, 13/05/21)

Eu me sinto feliz, porque eu acho assim, a pior coisa que tem é a pessoa ficar desempregada, a gente fica vendo passar na televisão, tem várias pessoas ficando desempregada, então depois dessa pandemia, eu agradeço a Deus por estar trabalhando. [sic] (Helena, 42 anos, 28/05/21)

A gratidão, em alguns casos, aparece relacionada também à inclusão no mercado de trabalho de determinados grupos sociais que comumente estão excluídos e taxados como “inaptos”, por exemplo, pessoas com idade avançada, imigrantes de países mais pobres (geralmente da América Latina e África), população em situação de rua e pessoas com deficiências (PcD). Podemos observar essa questão nas falas de Regina e David:

Então eu gosto, foi o que sobrou para nós, porque se tivesse um bom estudo não estaria, uma boa faculdade também não estaria, e outra coisa, abriu as portas para a gente, eu com essa idade, se fosse outra empresa não iria pegar. [sic] (Regina, 63 anos, 21/05/21)

Ótimo, porque eu tiro meu sustento daqui, trabalho e moro sozinho. Eu sou separado, aí o dinheiro que eu pego, eu pago a pensão do meu filho e a metade fica para mim. [E a entrada na área?] Foi bem, eu estava desempregado, conforme eu estava em casa, eu estava muito deprimido, tipo

assim, às vezes eu até ouvia coisas, ouvia vozes falando, agora estou me tratando, tomando medicamentos, eu tenho depressão e começo de esquizofrenia. (David, 45 anos, 13/05/21)

O tema do desemprego é frequente nos depoimentos devido à lógica de produção e consumo presente em nossa sociedade; com isso, o sentimento de invisibilidade e/ou exclusão é estimulado, uma vez que, o fato de não produzir, estar fora do mercado, é associado à invalidez, isto é, estar fora da esfera ativa da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho investigou o processo de construção da identidade e a experiência de invisibilidade social de trabalhadoras da área da limpeza de uma universidade da cidade de São Paulo. Foi constatado que os gêneros vivenciam tal ofício de formas distintas; percepções negativas e relatos de invisibilidade foram mais frequentes entre as mulheres, grupo que corresponde a 66% das participantes da pesquisa. Questões étnicas e raciais não foram abordadas pelas participantes. A relação das trabalhadoras com os universitários e os demais frequentadores do campo é distante, caracterizada pela ausência de cumprimentos, comportamento que contribui para fomentar o sentimento de invisibilidade. Foi notória a presença de alguns estigmas relacionados à profissão no discurso das participantes, geralmente associados à higiene ou ao ingresso na área da limpeza, vista como um trabalho para quem não estudou. A presença desses estigmas aumenta o sofrimento daquelas que atuam na área.

O estudo deparou com um cenário diferente do planejado, uma vez que as entrevistas foram realizadas durante a pandemia de Covid-19, período em que o campus universitário estava sem a presença de docentes e discentes. Os medos e anseios oriundos da nova dinâmica estabelecida em nossa sociedade perpassaram todos os depoimentos e provavelmente afetaram a percepção e o sentido do trabalho por elas realizado. Temas como desemprego, questões de saúde e tempo afastado do trabalho foram frequentemente abordados.

Por fim, cabe ressaltar que as entrevistas ocorreram em uma sala de aula previamente reservada em que só estavam presentes o pesquisador e a entrevistada. Todavia, mesmo com tais cuidados, as entrevistas ocorreram no local de trabalho das participantes e, além disso, com a mediação da responsável pela empresa. Logo, deduz-se que essa dinâmica, em algum nível, inibiu as participantes, interferindo em suas respostas. Para as futuras pesquisas, sugerimos que as entrevistas sejam realizadas fora do ambiente de trabalho e sem a mediação direta dos responsáveis pelas empresas.

6. REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, D.; AZEVEDO, E. R. F. de. O trabalho feminino na função de limpeza de prestadoras de serviço em uma instituição de ensino superior. *Revista Vianna Sapiens*, vol. 07, nº 01, p. 185-212, 2016. Disponível em: <<https://www.viannasapiens.com.br/revista/article/view/188>>. Acesso em: 1 set. 2020.
- ANDRADE CB, MONTEIRO MI. Envelhecimento e capacidade para o trabalho dos trabalhadores de higiene e limpeza hospitalar. *Rev Esc Enferm USP*, vol. 41, nº 02, p.237-44, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2m0Nv81>>. Acesso em: 01 set 2020.
- ARAÚJO, Taiza da Silva; SILVA, Edla Raiane Rodrigues da. O significado do trabalho para os garis: um estudo sobre a invisibilidade social. *Psicologia.pt*, [s. l.], 23 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1219.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p. ISBN 9724408981.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 68-80, 15 mar. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CELEGUIM, Cristiane Regina Jorge; ROESLER, Heloísa Maria Kiehl Noronha. A invisibilidade social no âmbito do trabalho. *Revista Integração*, ano III, nº 01, p. 12-26, 2009. Disponível em: <https://fbs.fafire.br/adm_upload/imagens/INVISIBILIDADE%20SOCIAL.PDF>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- CHILLIDA Manuela de Santana Pi; COCCO Maria Inês Monteiro. Saúde do trabalhador & terceirização: perfil de trabalhadores de serviço de limpeza hospitalar. *Rev Latino-Am Enfermagem*, vol. 12, nº 02, p. 271-276, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n2/v12n2a18.pdf>>. Acesso em: 01 setembro 2020.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: CODO, Wanderley; LANE, Silvia Tatiana Maurer (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 58-75.
- CIAMPA, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis: relato de uma humilhação social*. Globo Livros, 2004.
- DIOGO, Maria Fernanda; MAHEIRIE, Kátia. De balde e vassoura na mão: os sentidos que mulheres serventes de limpeza atribuem aos seus trabalhos. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza v. 7, n. 2, p. 557-579, set. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 set. 2020.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, nº 24, p. 213-224, 15 mar. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GEMMA, Sandra Francisca Bezerra; FUENTES-ROJAS, Marta; SOARES, Maurílio José Barbosa. Agentes de limpeza terceirizados: entre o ressentimento e o reconhecimento. *Rev. bras. saúde ocup.*, São Paulo, v. 42, e. 4, p. 1-10, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572017000100203&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 set 2020.

GOLDENBERG, Mirían. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8°. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2011.

IBGE–Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua*: Trimestre móvel Mar- Mai 2021. Brasília. 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3086/pnacm_2021_maio.pdf. Acesso em: 06 ago. 2021;

Leite, Kelen Christina. A (IN)ESPERADA PANDEMIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O MUNDO DO TRABALHO. *Psicologia & Sociedade [online]*. 2020, v. 32 [Acessado 10 Julho 2021], e020009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240215>>. Epub 04 Set 2020. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240215>.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. *Revista Percurso - NEMO*, Maringá, v. 4, nº 02, p. 149-171, 15 mar. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114753/ISSN21773300-2012-04-02-149-171.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

MARTINS, Daiane de Lourdes. *Estudo sobre as trabalhadoras invisíveis da limpeza em uma Universidade Federal*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Administração.) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, 2016. Disponível em: <<https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/542>>. Acesso em: 6 mar. 2020.

MORALES, Lúcia Arrais. Faxineiras em um campus universitário. In: *VII Seminário de Saúde do Trabalhador*, Franca, 2010. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000112010000100004&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 24 fev. 2020

REY, Fernando Luis González. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

SAWAIA, Bader. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 2001.

SCHNAIDER, Taylor Brandão. Ética e pesquisa. *Acta Cir. Bras.*, São Paulo, v. 23, nº 01, p. 107-111, 2008. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502008000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SZNELWAR LI et al. Análise do trabalho e serviço de limpeza hospitalar: contribuições da ergonomia e da psicodinâmica do trabalho. *Revista Produção*, vol. 14, nº 03, p. 45-57, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a05.pdf>>. Acesso em: 1 set 2020.

Contatos: victorfraguassilva@gmail.com e bruna.dantas@mackenzie.br